

_O MAR QUE NOS SEPARA E APROXIMA

Construído à beira-mar, com acesso direto à baía de Todos os Santos, o Solar do Unhão, em Salvador, guarda em si histórias de uma época e, também, uma parte única da história do Brasil: no período colonial, funcionava ali um verdadeiro complexo groindustrial, com casa-grande, capela, pelourinho e senzala. Convertido hoje no Museu de Arte Moderna da Bahia, o prédio constitui evidência material de uma época em que a economia tinha a exploração do trabalho escravo como uma de suas bases. A escolha do local e da Sala Walter da Silveira para abrigar a Mostra Pan-Africana de Arte Contemporânea, que aqui apresentamos, tem um significado tão forte e natural quanto a escolha da cidade de Salvador, que preserva a memória e transforma de maneira criativa as influências e a herança africanas. São exatamente essas transformações e hibridizações, a reflexão sobre a diáspora negra, o papel da arte sobre a própria construção de uma identidade afro-descendente o centro desta exposição. Aqui, estão reunidos alguns dos mais atuantes criadores e pensadores da África e dos países da diáspora africana. A intenção da Mostra Pan-Africana de Arte Contemporânea é levantar questões comuns a países tão diferentes quanto o Brasil e Burkina Fasso, Cuba e Angola, os Estados Unidos e Gana. A arte e o pensamento são eficazes meios de aproximação, instrumentos que permitem a compreensão de experiências aparentemente distantes, que passam a ser partilhadas com grande familiaridade. Esta mostra é uma oportunidade única para conhecermos aquilo que nos diferencia e também o que nos aproxima da África e de outros países marcados pela diáspora africana. A iniciativa, uma parceria da Associação Cultural Videobrasil com a Fundação Cultural Palmares, e realizada com o apoio do Ministério da Cultura e o patrocínio da Petrobras, fortalece as crescentes iniciativas de aproximação com culturas com as quais tanto temos a trocar. A oportunidade de estar à frente da curadoria da Mostra Pan-Africana de Arte Contemporânea permite levar adiante pesquisas sobre a arte do continente, que intensifiquei no final dos anos 1990. Na época, entrei em contato mais regular com a arte de países como África do Sul, Burkina Fasso, Mali e Zimbábue. A inovação formal e a maneira destemida como os artistas desses países trabalham a reflexão sobre o contexto sociopolítico e histórico de seus países e do continente se manteve fixa em minha memória.

No ano 2000, a Associação Cultural Videobrasil, com o apoio do SESC São Paulo e do Prince Claus Fund, e uma parceria decisiva com o curador Clive Kellner, teve a possibilidade de organizar em São Paulo a Mostra Africana de Arte Contemporânea, que, pela primeira vez, trouxe ao Brasil uma importante parte da riqueza artística de países em constante transformação. A experiência certamente nos ajudou e nos preparou para essa nova empreitada em Salvador.

Quase cinco anos se passaram desde a mostra em São Paulo e, desta vez, pode-se dizer que o mar foi o ponto de partida para a curadoria. O mar que divide fisicamente as Américas da África, e que, durante séculos, foi a grande via de transporte e comércio. Um comércio que atendia aos interesses das matrizes coloniais, e no qual o homem era ao mesmo tempo mercador e mercadoria. Na lógica do comércio triangular entre África, Américas e Europa, a mão-de-obra escrava era um importante item comercial. O homem escravizado era uma commodity a ser negociada.

O mar foi a via de transporte forçado de escravos arrancados da África e trazidos para as Américas. Os navios, portanto, podem ser pensados como ícones dessa experiência dolorosa de desenraizamento cultural. Navios, ou barcos, que aparecem por exemplo no trabalho do angolano António Ole, que na instalação “Canoa quebrada” evoca o movimento e a partida para o mar. Ole, que há anos retrata de forma tão poética a história de Angola, recorre a esse elemento de transporte, ao ir-e-vir, para nos fazer

refletir sobre a trajetória de seu país. Pode-se dizer que, de formas diferentes, o mar permeia o imaginário, funciona como um elo fluido e desafiador entre o presente e a história.

O mar volta a aparecer na instalação inédita criada por Mario Cravo Neto para a mostra. A água, aparentemente serena, é testemunha e depositária de um período histórico. Amigo de longa data, Mariosinho soube retratar com um olhar familiar a hibridização de crenças e os rituais da religiosidade afrobrasileira ao longo das décadas. Em seu trabalho, o objeto não tem caráter fetichístico, e o conhecimento substitui a curiosidade. Desta vez, temos o privilégio de conhecer uma nova fase de sua rica produção: ela se volta para o horizonte, para a luz intensa do dia, para as janelas abertas e o caminho do mar. Suas imagens criam um ritmo circular, em que o presente sugere o passado, sem contudo materializá-lo em elementos resgatados. Aqui tudo é sutil, como flashes que ativam a memória e remetem a fragmentos da história.

De volta ao mar mais uma vez, ele agora surge simultaneamente como elemento divisor e de união na intervenção urbana do jovem artista Daniel Lima. Ao lançar mão de um feixe de laser para, de forma virtual, criar um caminho intocável entre o Brasil e a África, o mar deixa de ser um elemento intransponível para caminhar paralelamente à luz, até juntos desaparecerem no horizonte.

Essa desmaterialização (ou a recomposição da imagem) também faz parte do trabalho do fotógrafo Eustáquio Neves. Autor de trabalhos de grande impacto visual, artista que não hesita em interferir na própria matéria que constitui a fotografia – através da manipulação química ou física de negativos e do papel –, Neves apresenta em Salvador uma instalação em que optou pela projeção das séries “Arturos”, “Boa aparência”, “Objetização do corpo” e “Máscara de punição” para comentar a organização social do país. As séries, deflagradas ora por fatos cotidianos – “boa aparência”, segundo ele, é uma referência ao modo velado de anúncios de emprego excluïrem negros –, ora pela memória, nos fazem pensar sobre aquilo que, muitas vezes, nem sequer enxergamos. Resgatando elementos autobiográficos, a cubano-americana Maria Magdalena Campos-Pons também traz à tona aquilo que permanece discretamente guardado sob a camada fina e permeável da história contada pelos vencedores (colonizadores).

Campos-Pons traz o “lado de cá” da memória, a formação da identidade afro-descendente em Cuba, tão heterogênea quanto grande parte das Américas.

A separação ou o desenraizamento são elementos recorrentes na produção desses artistas. É natural que a busca ou o diálogo com o “local de origem” sejam uma das questões-chave da arte de afro-descendentes, que buscam assim reorganizar uma história freqüentemente marcada pelo caos: a desintegração à força de estruturas sociais, as migrações – que naturalmente precederam o período colonial; é preciso pensar na África como um continente dinâmico e com uma história que remonta a um período muito anterior ao da “descoberta” pelos europeus –, a necessidade de transformar a memória num elemento de resistência e estruturação no Novo Mundo. Convidados a juntar-se a nós em debates em Salvador, e também colaboradores que enriquecem este catálogo, Antônio Godi, Cheryl Finley, Zita C. Nunes e João Carlos Rodrigues levantam questões diretamente ligadas à mostra. A produção cultural de afro-descendentes que é incorporada como produto, mas que beneficia de forma ainda incipiente os próprios criadores; o turismo de raízes que encontra em visitas à África um meio de recompor o passado e fortalecer a identidade de afro-descendentes; a formação da identidade negra, que não pode jamais ser reduzida e simplificada numa associação à cor da pele; a produção cinematográfica brasileira, os estereótipos, os temas esquecidos e o aparente avanço na inclusão de negros. Exemplo disso é o filme “Filhas do vento”, que apresentamos com a participação do diretor. Primeiro longa-metragem de ficção de Joel Zito Araújo, o filme reúne o maior elenco negro da história

do cinema nacional, e apaga estereótipos tão comumente associados a personagens negros.

As obras escolhidas abordam o legado da escravidão – exclusão e marginalização, conseqüências operacionais da diáspora africana – e nos ajudam, de forma criativa, a modificar nossa percepção. É interessante notar que, para grande parte dos afro-descendentes, o retorno, ainda que simbólico ou temporário, parece ter um efeito fortalecedor. Campos-Pons, por exemplo, evoca a memória da família, da cidade canavieira onde cresceu e do país que deixou para dar sentido a um conjunto formado pela fragmentação. A arte, como sabemos, guarda em si o potencial de desencadear tais conexões, de um modo muito mais imediato: uma relação estética, emocional. Em textos que contribuem para a contextualização da produção desses artistas, o poeta José Eduardo Agualusa, o acadêmico Salah Hassan, o curador e editor Mark Sealy e o escritor e editor Ricardo Rosas nos ajudam a enxergar além do que inicialmente vemos, e a pensar sobre a produção contemporânea. O efeito estético, vital para a comunicação e a vida da arte, também está presente na seleção de fotografias do Senegal (V Bamako, no Mali), que apresenta questões contemporâneas na África: o surgimento do “fotógrafoartista” – diferente do retratista de estúdio e do documentarista de eventos? –, a documentação de tradições em via de transformação e/ou extinção, a precariedade das grandes cidades, comum a boa parte do mundo.

Os sonhos, a paixão e a história do pós-colonialismo encontram no cinema um suporte de eficaz difusão. Aqui estão filmes que fazem parte de uma das mais bem-sucedidas iniciativas de cooperação cultural na África. Com patrocínio de instituições de diferentes partes do mundo, o Festival Panafricain du Cinéma et de la Télévision (FESPACO) (Festival Pan-Africano do Cinema e da Televisão) de Ouagadougou, em Burkina Fasso, viabiliza encontros e aumenta a visibilidade da produção fragmentada do enorme continente.

A idéia de trazer essa mostra de cinema a Salvador, possível graças ao apoio da Embaixada da França (país que financia um grande número de filmes de países francófonos), é um meio de apresentar os filmes, mas também a própria iniciativa, considerada um modelo para muitos países do circuito sul.

Para pensar na arte produzida na África, e naquela criada por afrodescendentes, temos que ter em mente a idéia de diversidade. Se o póscolonialismo prometia ao continente um futuro finalmente independente, de prosperidade e reorganização socioeconômica após as décadas de ligação com a Europa, a realidade reservou uma trajetória muitas vezes mais desafiadora e inesperada. O agravamento da distância entre países ricos e pobres, a urbanização acelerada e, nos últimos anos, o irreversível fenômeno da globalização estão entre os fatores que tornaram ainda mais complexa a produção artística no mundo, levantando questões como a permeabilidade (e, ao mesmo tempo, o fechamento) de identidades e fronteiras. Ou, também – e num aspecto muito mais prático –, a produção e o mercado. Um mercado às vezes tentado a reduzir e a simplificar não apenas a África, como também a arte produzida no continente, referindo-se de forma generalizada à impossível “arte africana”, uma unidade inexistente.

Os encontros em Salvador terão como objetivo examinar as questões de representação na arte produzida não somente na África, mas também em países que, como o Brasil, compreendem a chamada rota do Atlântico Negro, caracterizada pela diversidade cultural e pelo deslocamento forçado dos povos.

Na Mostra Pan-Africana de Arte Contemporânea serão discutidas questões de identidade e de contradição, tradição versus contemporaneidade. Temas inerentes e indissociáveis da produção cultural de africanos e afro-descendentes. A maior parte da produção cultural de artistas da diáspora africana é construída ao redor de questões de uma identidade negra. Como continente, a África permanece cristalizada e inalterada

aos olhos dos afro-descendentes. Olhos que permanecem, na maior parte das vezes, identificando-a como o território da "autenticidade" e da "tradição". Essa África das raízes, contudo, vive uma realidade transformada pelo tempo. A África, hoje, é um continente de países heterogêneos, que enfrentam desafios retratados com um olhar direto em documentários reunidos na mostra: conflitos étnicos, Aids e o sonho de um futuro melhor e mais próspero são questões que fazem parte da realidade.

As histórias da África estão inextricavelmente ligadas aos territórios do sincretismo religioso, do comércio e da expansão ocidental. Mas as histórias da África hoje estão ligadas também a um mundo que parece ser menor e mais próximo – ainda que isso possa se revelar ilusório. É por isso que, para a Mostra Pan-Africana de Arte Contemporânea, foram convidados artistas e pensadores capazes de trazer à tona os dois lados de uma mesma história.

Ao longo do tempo, o Brasil, um dos países centrais da história da diáspora negra, raramente teve a chance de conhecer de modo direto a produção contemporânea da África. Apesar da proximidade geográfica, histórica e cultural, nossos olhos sempre estiveram mais voltados para o que nos é mostrado com mais ênfase, a produção do Norte. É essencial que esse diálogo seja estendido, e é essencial também provocar as trocas não apenas com o Norte, mas em especial com o Sul. Somente assim caminharemos mais rapidamente para a reorganização de uma história fragmentada, interrompida e retomada.

Um senso de humanidade está nas idéias que podem ser encontradas nas obras desses artistas. Não necessariamente como uma aventura de resistência ou de bravura, mas como um modelo de troca em torno da experienciada sobrevivência.

A Mostra Pan-Africana de Arte Contemporânea pôde ser realizada graças ao empenho e ao espírito cooperativo de inúmeras pessoas e entidades ao redor do mundo. Mas eu gostaria de agradecer especialmente à minha equipe de produtores e colaboradores, pela incansável e inestimável ajuda durante o longo processo que percorremos juntos.

SOLANGE OLIVEIRA FARKAS
Curadora

SOLANGE OLIVEIRA FARKAS, FEIRA DE SANTANA (BAHIA), 1955.

VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO

É uma das articuladoras mais ativas da produção de arte eletrônica do circuito sul. Diretora e curadora do Festival Internacional de Arte Eletrônica, que criou em 1983 em São Paulo, exhibe seleções de videoarte brasileira e sul-americana nos principais festivais do gênero no mundo. Preside a Associação Cultural Videobrasil, que mantém a maior coleção de arte eletrônica do país, e idealizou a Videobrasil Coleção de Autores, série anual de documentários sobre artistas do circuito sul: já foram lançados filmes sobre o sul-africano William Kentridge, o brasileiro Rafael França, a dupla brasileiro-suíça Mau Wal (Maurício Dias e Walter Riedweg), e sobre o libanês Akram Zaatari. Em 2000 foi curadora, ao lado de Clive Kellner, da Mostra Africana de Arte Contemporânea, no SESC Pompéia, em São Paulo.